

AO REY FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.

NOSSO SENHOR,
COLLOCANDO-SE A SUA COLOSSAL
ESTATUA EQUESTRE
NA PRAÇA DO COMMERCIO,

O D E

POR JOAQUIM MACHADO DE CASTRO,
ESTATUARIO DA MESMA
REGIA ESTATUA,
E DE TODA A ESCULTURA ADJACENTE.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXV.

Com Licença da Real Meza Censoria.

AO REY FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.
NOSSO SENHOR.
O D E.



I.

Sublime assumpto emprendo arrebatado:
Por vós, ó Grande REY, affino a Lyra
No Pindo decantado.
E quem, SENHOR, se admira,
Que o Plectro, e o Desenho
Dem amigos as mãos ao mesmo empenho? (I)

* ii

II.

(I) As Artes do Desenho, *Escultura*, e *Pintura*, são irmãs gémeas; e tão unidas com a *Poesia*, que ás vezes lhe trocam os nomes; chamando á *Poesia*, *Pintura* (ou *Escultura*) eloquente; e ás duas do Desenho, *Poesia* (ou *Rhetorica*) muda. Nas duas mencionadas do Desenho, todos os professores, que nellas se distinguíram, ou fizeram versos, ou não lhes faltou o Estro, ainda que o não exercitassem: e dos que lhe deram exercicio, nomearemos alguns dos mais notaveis.

Michelangelo Buonaroti, o maior de todos os Escultores, que florecêram do quinto seculo até o presente, fez bem os versos; e se conservam obras suas impressas.

João D'Arfe, Escultor em prata, fez com tanta facilidade os versos, que na sua Obra, que intitulou: *Varia commensuracion*, cantou em oitava rima todos os preceitos, que escreveo em prosa.

O Imperador Adriano foi professor de Escultura, Pintura, e Poesia; assim como de outras Artes, e Sciencias.

Apollodoro, célebre Escultor, e Pintor, escreveo em verso os louvores de Zeuxis.

Pacuvio Romano, e sobrinho do Poeta Ennio, foi Pintor, e Poeta.

André Orgagna, Escultor, e Poeta.

Leonardo da Vinci, Florentino, foi Pintor, Escultor, e Poeta.

Salvador Rosa he tão conhecido pelo pincel, como pela sua Lyra.

Carlo Alfon. Dufresnoy, Pintor, compoz hum Poema Latino, em que dá preceitos conducentes ás duas Artes do Desenho; Obra a mais douta, que ha neste genero.

M. Watelet tambem fez hum Poema da Arte de Pintar.

Tambem foram Poetas outros muitos Pintores, e Escultores, que não nomeamos, por evitar a prolixidade.

(4)

II.

Se venturoso tive a immensa gloria
De esculpir vossa Imagem Soberana,
Outra illustre memoria
Exponho á Lusitana
Gente, e ao culto Universo,
Vossa Effigie tambem mostrando em verso.

III.

Essa vossa Real Benignidade,
O terno amor de Pai, que em vós achamos,
A candida Equidade,
Os bens, que hoje gozamos,
Uteis para os vindouros,
Tecendo-vos estam immortaes louros.

IV.

Logo que a rédea grave, ao Reino vosso
Tomastes déstro, vimos que prudente
Mão, em proveito nosso
Regia sábiamente;
Vindo do Throno eterno
Astréa acompanhar-vos no governo.

V.

E para que os projectos Magestosos,
Que na sublime Idéa concebestes,
Se vissem decorosos,
Hum Varão elegestes, (2)
A quem determinastes
A grande execução do que pensastes.

VI.

(2) O Ilustrissimo, e Excellentissimo MARQUEZ DE POMBAL, figurado no baixo-relevo da frente do Pedestal.

(5)

VI.

De POMBAL o MARQUEZ, que em todo o Mundo
 Tem a gloria da Patria dilatado,
 Com seu saber profundo,
 Espirito elevado,
 Vossos altos conceitos
 Mostra com gloria ao Orbe nos effeitos.

VII.

Gemeo a Illustre Lyfia esmorecida,
 Por subterraneo impeto abalada;
 Quasi exhalando a vida,
 Em fustos suffocada:
 Mas o CARVALHO forte
 Novo alento lhe dá, livra-a da morte.

VIII.

Que vejo! Ai Grande REY! Que fusto interno!
 Falta-me a voz ... o sangue se me esfria.
 Vejo as Furias do Averno ...
 A negra Hypocrisia ...
 Erguerem-se raivosas,
 Revolvendo tormentas horrorosas.

IX.

Não querem não, não soffrem vossa gloria;
 Nem que ao Varão preclaro a Fama cante;
 Porém maior victoria
 Vossa, e do forte Athlante,
 Benigno o Ceo prepara,
 Que a mesma opposição faça mais clara.

* iii

X.

X.

Montais sereno o bruto generoso,
C'o Alcides Lusitano ao vosso lado;
 Já pizais o orgulhoso
 Viperino filvado,
 Dando os mais formidaveis
Golpes, que extinguem monstros detestaveis.

XI.

Cahe a infame Traição; a fraudulenta
Calumnia; a Inveja; e envolta neste estrago
 A Soberba violenta;
 Prezas no Estygio lago
 Ficam juntas c'o a Guerra;
Livre em fim de veneno a Lusa terra.

XII.

Abre-se o Ceo, e sahe resplandecendo
A Paz, a santa Paz, com a Abundancia;
 Sobre nós vem descendo
 Diffundindo fragrancia;
 E as vozes concertando,
Que assombro! desta forte ambas cantando.

XIII.

Lusitanos, voai c'o brio ardente,
Que a Natureza infunde em vossos peitos;
 Do júbilo eminente
 Se vejam os effeitos,
 Que entre vós a Ventura
Já de seu rosto mostra a formosura.

XIV.

8/24

(7)

XIV.

Pelo REY generoso convocada
Foi, e do alto Mecenas conduzida;
Que para venerada
Ser, e entre vós detida,
Benigno lhe reparte
Seu singular influxo em toda a parte.

XV.

Do Augusto, o Varão grande esta Intendencia
Recebe, executando o egregio intento:
Com sábia providencia
Faz que as Leis fundamento
Sejam da grande empreza;
As Leis, que á Monarquia dam firmeza.

XVI.

As ordens, que ao Colono determina,
Fazem brilhar os campos na cultura:
Em prestante doutrina
O Commercio se apura;
E os frutos do socego
Tornam, Minerva, ás margens do Mondego.

XVII.

De mais sublime espirito alentando
Todo o Estado, a Metropoli enobrece,
Que outro garbo tomando,
Mais pomposa apparece,
Com felices auspicios
Nas ruas, praças, portos, e edificios.

XVIII.

XVIII.

Que efficacia, que industria, que presteza!
Como se vem voar graves madeiros!
Vencendo a Natureza
Andam montes inteiros!
Ferve a obra, e Lisboa,
Milagre do artificio a Fama a entoa.

XIX.

Applicado o Varão, sempre constante,
Graça tanta lhe infunde, e tanto brio,
Que do bello semblante
Já namorado o Rio,
Lhe está os braços dando,
E rendido, ou cortez os pés beijando.

XX.

Intentai (para vossa maior gloria)
Que do facundo Grego o nome esqueça:
Mais justo he que a memoria
Do Excelso REY floreça:
A Cidade outro nome
Derivado do Augusto, altiva tome.

XXI.

Assim cantavam: quando hum Monumento
Dispõem, sabio o Marquez, se Vos levante;
A que o fiel Povo attento,
Quer que na acção brilhante
Possa a Idade futura,
Na Vossa Imagem ver nossa ventura.

XXII.

(9)

XXII.

Oh quanto brilha a mole Magestosa
 Com a Effigie, em que o bronze se enriquece! (3)
 Obra a mais primorosa,
 Que a Fundição conhece;
 Fonte da viva chama,
 Que do Costa pelo Orbe estende a Fama. (4)

XXIII.

(3) O estar o Heroe vestido de armas brancas, deve alludir á heroica fortaleza, com que Sua Magestade tem defendido os seus povos das perniciosas máquinhas tendentes á ruina desta Monarquia. O ser montuoso (com varias silvas, e cobras) o plano, em que assenta a Estatua, pizando o cavallo as cobras, e silvado, allude a todos os embarços, que se vencêram para a reedificação; e a todas as maximas viciosas, que se extinguíram para felicitar o Estado.

Os dous Grupos de figuras de marmore, que estam dos lados, e constam de dous *Prizioneiros de guerra*, a *Fama*, e o *Triunfo*, hum *Cavallo*, e hum *Elefante*, atropellando os *Prizioneiros*, e varios despojos de campanha; mostram, que Portugal em diversos tempos teve gloriosos triunfos, &c.

O Painel de baixo-relevo esculpido na pedra convexa, mostra no principal lugar huma figura de mulher com coroa na cabeça, e vestes Reaes, que representa a *Generosidade Regia*: está em pé, e como descendo do Throno, para mostrar promptidão em proteger a *Cidade*, que se representa em outra figura de mulher; e se vê em baixo como desmaiada, encostando a mão esquerda em hum escudo, com as Armas do Senado de Lisboa, para mostrar que figura he. Do lado direito, a figura de Varão, vestido de armas, com lança na mão esquerda, e hum ramo de oliveira, representa o *Governo da República*, o qual com a mão direita mostra querer levantar a *Cidade*. O Menino alado, coroado de louro, e de huma estrellta, com tres coroas de louro na mão esquerda, representa o *Amor da Virtude*, que com a mão direita péga no braço ao *Governo da República*, guiando-o á presença da *Generosidade Regia*, com o intento de levantar a *Cidade*: e para mostrar que a *Generosidade Regia* lhe parece bem o projecto, se fez em acção de mostrar com a mão esquerda, onde se ha de reedificar; e atli se vem em relevo mais baixo princípios de edificação, com columnas, mastros, &c. e com a mão direita lhe mostra os meios, que lhe dá, no *Commercio*, na *Providencia*, e na *Arquitectura*. O *Commercio* representa-se na figura de Varão nobremente vestido, que se vê ajoelhado ante a *Generosidade Regia*, offerecendo-lhe em hum cofre aberto as riquezas. A *Providencia humana* representa-se na figura de mulher, coroada de espigas de trigo, segurando com a mão esquerda hum leme,

XXIII.

E eu, (ainda que já visto,) froxo, e rudo
Para empreza tamanha, tão sublime,
Na Escultura, com tudo,
Que a Imagem vossa exprime,
Tive por forte a chave
» Deste commettimento grande, e grave.

XXIV.

Posto que só a engenho relevante
O novo, e nobre assumpto pertencia,
Eu o emprendo constante
Com valor, e ousadia,
Crendo que pelo affecto
Excedo Phídias, Miro, e Policleto.

XXV.

e duas chaves; e como fallando com o *Commercio*, lhe mostra a *Arquitecatura*, que se representa na outra figura de mulher, que traz na mão direita hum compaço, e hum esquadro; e com ambas as mãos segura hum papel, em que se vê desenhada a planta da Cidade, como que lha entrega para guia da re-edificação.

Todas estas figuras se dam a conhecer pelos seus attributos, ou insignias. A *Generosidade*, pelo *Leão*, que he symbolo desta virtude. O *Commercio*, pela *Cegonha*, e pelas *mós de moinho*, que são seu symbolo: e assim as mais, como fica declarado.

(4) O Brigadeiro Bartholomeu da Costa, homem raro, que a Mão do Omnipotente quiz produzir para credito da Nação Portugueza, merecedor de que todos se empenhem em louvallo, eu o espero fazer em obra mais diffusa; atrevendo-me a dizer, (sem temeridade) que entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor lugar, porque tenho mais razões para conhecer o primor, com que a *Fundição* exprimio tudo quanto a *Escultura* fez.

(II)

XXV.

Quanto não faz Amor! que forças, que arte
 Não diffunde nos peitos, que elle inflamma!
 He d'elle a melhor parte
 Nesta obra: a sua chamma
 Fez em mim tal effeito,
 Que á mente me deo luz, audacia ao peito.

XXVI.

Do Regio Solio olhai para o Traslado,
 Que Vos dedico, em rasgos numerosos;
 A fim de que animado,
 Vossos feitos gloriosos
 Publique, ora cantando,
 Ora as vossas Imagens expressando.

F I M.

XXV

(11)

XVII

Quanto me fit Amor, que foy, que me
Nio difunde nos foyos, que foy inda
He delle a melhor parte
Nella obra: a tua obra
Por em mim tal effeito
Que a mente me deo: ha: e a tua obra

XVIII

Do Regio Solio oha: parte de Farsados
Que Vos dedico, em talgo: mudo
A fim de que a obra
Vossa foyta glorioza
Publica, ostantando: a obra
Ora as vossas imagens exprelando: a obra

F I M

XIX

... e a obra...
... a obra...
... a obra...
... a obra...

Toda a obra...
A. Generoso, a obra...
a. Generoso, a obra...
como he a obra...

(4) O...
... a obra...
... a obra...
... a obra...
... a obra...